

## MESTRE ECKHART E AS BEGUINAS: UMA ESPIRITUALIDADE QUE CONTRARIOU O PODER CONSTITUÍDO

Elves Franklin Bispo de Araujo<sup>470</sup>

**Resumo:** O propósito aqui é argumentar acerca do contexto histórico da mística medieval no século XIII e do pensamento que envolve a relação entre Mestre Eckhart e as chamadas beguinas. Para tanto, pretendo situar a Igreja Católica como instituição medieval que buscava controlar as manifestações religiosas e as religiosidades particulares originadas das filosofias neoplatônicas. Dentro desse contexto específico, destaco a mística introspectiva a qual Mestre Eckhart se dedica, e que também recebe a nomenclatura de mística especulativa, haja vista sua característica intelectualizada. Essa mística introspectiva não foi uma invenção do século de Mestre Eckhart e das beguinas. Entretanto, ganha uma nova “roupagem” e, com isso, atinge um público significativo. É justamente esse ponto que preocupa a instituição Católica, a qual acusa Mestre Eckhart e as beguinas de hereges ou suspeitos de corromper as pessoas. As fontes usadas por esses vêm do neoplatonismo, dos quais suas especulações envolvem conceitos como União, retorno, Uno, Uno-Bem; além de que a sua mística tem estrita relação com a vida contemplativa, bem-aventurada, o que poderia ser encarada como uma mística que tem implicações e posicionamentos políticos e, portanto, práticos. Dessa forma, tomo como exemplo para argumentação, a filha espiritual de Mestre Eckhart, Katrei, para citar o pensamento das beguinas que envolveram os séculos XIII e XIV de tensão e preocupação na Igreja Católica com seus tribunais inquisitoriais. Para tanto, me utilizei da obra *Pensar na Idade Média* (1999) de Alain de Libera, bem como das obras e estudos eckhartianos: a tradução da *Condenação de Eckhart* por Guerizoli (2000) e dos *Sermões alemães* (2006 e 2008) de Eckhart.

**Palavras-chave:** Eckhart. Mística especulativa. Beguinas. Katrei.

**Abstract:** The purpose here is to argue about the historical context of medieval mysticism in the 13th century and the thought that surrounds the relationship between Master Eckhart and

---

<sup>470</sup> Possui graduação em Pedagogia pela Faculdade Geremário Dantas (FGD) e Complementação Pedagógica em Filosofia pelo Instituto de Ensino Superior de Minas Gerais (ISEMG). Atualmente é graduando em Ciências da Religião na Universidade Federal de Sergipe (UFS) e mestrando em Filosofia pelo Programa de Pós-graduação em Filosofia da UFS com bolsa CAPES. E-mail: [elvesfranklin@outlook.com](mailto:elvesfranklin@outlook.com).

the so-called beguines. To this end, I intend to situate the Catholic Church as a medieval institution that sought to control religious manifestations and particular religiosities originating from Neoplatonic philosophies. Within this specific context, I highlight the introspective mysticism to which Master Eckhart dedicates himself, and which also receives the nomenclature of speculative mysticism, given its intellectualized characteristic. This introspective mystique was not an invention of the century of Master Eckhart and the beguines. However, it takes on a new “look” and, as a result, reaches a significant audience. It is precisely this point that worries the Catholic institution, which accuses Master Eckhart and the beguines of being heretics or suspected of corrupting people. The sources used by these come from Neoplatonism, of which their speculations involve concepts such as Union, return, One, One-Good; in addition, its mysticism is strictly related to the contemplative, blissful life, which could be seen as a mysticism that has political and, therefore, practical implications and positions. Thus, I take as an example for argumentation, Master Eckhart's spiritual daughter, Katrei, to cite the thought of the beguines who involved the 13th and 14th centuries of tension and concern in the Catholic Church with its inquisitorial courts. To do so, I will use the work *Thinking in the Middle Ages* (1999) by Alain de Libera, as well as Eckhartian works and studies: the translation of Eckhart's *Condemnation* by Guerizoli (2000) and Eckhart's *German Sermons* (2006 and 2008).

**Keywords:** Eckhart. Speculative mystique. Beguines. Katrei.

## 1. Introdução

Este texto se propõe a apresentar a figura de Mestre Eckhart, sua relação com as beguinas e como a espiritualidade vivida por ambos contrariou o poder constituído, isto é, a Igreja Católica dos séculos XIII e XIV. Para tanto, tenho como objetivos: i) apresentar a compreensão do conceito de Escolástica Tardia e a influência política que a Igreja Católica exercia nesses tempos; ii) refletir sobre o conceito de Mística introspectiva (religiosidade individual); iii) perquirir acerca da relação estabelecida entre mística e filosofia para os autores Mestre Eckhart e Katrei, a filha de Eckhart. Entretanto, antes de enveredar por esses pontos, vale ressaltar quem foram Mestre Eckhart e essas mulheres que chamamos de beguinas.

Eckhart de Hochheim nasceu no ano de 1260 na cidade de Tambach na Turíngia, Alemanha, e faleceu em 1328 em Colônia. Mais conhecido como Mestre Eckhart, em reconhecimento aos trabalhos na Universidade de Paris. Estudou teologia ao ingressar no convento dos dominicanos em Erfurt e tornou-se professor, em 1302. De 1311 a 1314, morou em Paris e depois dedicou-se à pregação. Exerceu diversos cargos importantes dentro da ordem dominicana, como de mestre no *Studium* geral dos dominicanos em 1320. Entre suas obras, a mais conhecida são *Sermões alemães*, divididos em dois livros.

A linguagem presente nos *Sermões alemães* de Eckhart está repleta de hipérboles e paradoxos. Assim o é, pois, a todo instante é possível perceber formas linguísticas que evidenciam a insuficiência da linguagem em lidar com determinado conteúdo, isto é, a experiência unitiva da alma com Deus. De tal modo, a linguagem negativa aponta que a união mística com a Deidade deve ser apenas experimentada e compreendida a partir de seu aspecto negativo. A esta postura particular do filósofo nomeio de escrita do abandono.

Acerca das beguinhas, Alain de Libera<sup>471</sup>, em sua obra *Pensar na Idade Média*, assim as define:

Tratava-se fundamentalmente de um movimento de mulheres, e não simplesmente de um apêndice feminino de um movimento que devesse seu impulso, sua direção e seu principal sustento aos homens. Ele não tinha nenhuma regra de vida definida; não reivindicava a autoridade de nenhum santo fundador; não buscavam nenhuma autorização da Santa Sé; não tinha nem organização nem constituição; não prometia nenhum benefício e não buscava patronos; seus votos eram uma declaração de intenção, não um comprometimento irreversível a uma disciplina imposta pela autoridade; e seus membros podiam continuar suas atividades normais no mundo” (LIBERA, 1999, p. 293).

Sendo assim, ao se referir as beguinhas, aqui me refiro a um movimento de mulheres, contemporâneas a Mestre Eckhart e outros pensadores, que viveram entre os séculos XIII e XIV que como afirmara Libera (1999) não deviam obediência a nenhuma instituição religiosa, não tinha uma regra de vida bem definida, não tinha relações ou autorização com a administração da Igreja Oficial da época, isto é, a Igreja Católica. Entre alguns nomes conhecidos, temos Hadewijch, Matilde de Magdeburg, Marguerite Porete, Beatriz de Nazaré, Teresa De Ávila,

---

<sup>471</sup> Alain de Libera é filósofo e professor do Collège de France. Sua cadeira universitária é de História da filosofia medieval, na qual é sucessor do também filósofo Étienne Gilson (que lecionou de 1932 a 1950). Frequentou a Sorbonne (Universidade de Paris) e hoje possui cerca de 20 livros lançados, tendo sido traduzidos para o português "A filosofia medieval" (Jorge Zahar Ed., 1990; Edições Loyola, 1998), "Pensar na Idade Média" (Ed. 34, 1999) e mais recentemente o primeiro volume ("Nascimento do sujeito") do projeto "Arqueologia do sujeito" (2013, Ed. Fap-Unifesp).

irmã Katrei e tantas outras, muitas delas escritoras que uniam espiritualidade e misticismo em seus escritos.

## 2. Breve contexto histórico medieval: a mística (e os “místicos”) dos séculos XIII e XIV

Normalmente, entende-se a Idade Média como uma coisa só, isto é, um único período que, por vezes, é compreendido como sinônimo de um período de regressão intelectual. Entretanto, o trabalho historiográfico tem desconstruído essa visão reducionista. Contrariando a atribuição de “idade das trevas<sup>472</sup>” ou de estagnação do conhecimento, a chamada idade média foi um período de muitos avanços intelectuais, haja vista que, como bem observa Jacques Le Goff, o sistema das escolas e universidades foi fruto da sistematização do conhecimento desse período<sup>473</sup>.

O que parece simples, na verdade é muito complexo e difícil de se resumir como um bloco unitário que corresponderia, de fato, há mais de dez séculos de história. A “Idade média” foi, portanto, um longo período da história que pode ser tomado, embora mantendo certas divergências<sup>474</sup>, como algo datado entre os séculos V e XV d.C. Uma das opções que justificariam a datação aqui referida encontramos nos historiadores que defendem o início desse período com a Queda do Império Romano no Ocidente, em 476 d.C., e o seu fim, com a Tomada de Constantinopla pelos turcos-otomanos, em 1453. Entre as principais características da Idade Média, pode-se citar: i) o feudalismo<sup>475</sup>, ii) as relações de suserania e vassalagem<sup>476</sup>, iii) as Cruzadas<sup>477</sup>, iv) as ordens de cavalaria e v) a Peste Negra<sup>478</sup>.

---

<sup>472</sup> Nomeclatura forjada no Renascimento pelo poeta Francesco Petrarca no intuito de recuperação do ideal artístico greco-romano.

<sup>473</sup> Cf. GOFF, Jacques Le. *Os Intelectuais na Idade Média*. Trad. Marcos de Castro. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 2006. p. 149-197.

<sup>474</sup> Sobre as dificuldades históricas de determinar quando se inicia o chamado período medieval e seu fim, consultar: HILÁRIO, F. J. *A Idade média: nascimento do ocidente*, 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Brasiliense, 2001.

<sup>475</sup> O feudalismo foi a forma de organização social e econômica instituída na Europa Ocidental entre os séculos V a XV, durante a Idade Média. Baseava-se em grandes propriedades de terra, chamadas de feudos, que pertenciam aos senhores feudais, e a mão de obra era servil.

<sup>476</sup> A relação de vassalagem era uma das relações hierárquicas mais comuns no mundo feudal. Consistia na oportunidade que algumas pessoas tinham de ter acesso às terras (o bem mais valioso da época). Por outro lado, os suseranos (donos originais das propriedades) concediam porções de terras em troca de fidelidade.

<sup>477</sup> As Cruzadas foram expedições religiosas e militares, ocorridas entre os séculos XI e XIII, cujo principal objetivo era resgatar a Terra Santa, que estava sob o domínio islâmico, para os cristãos. O termo “cruzada” se refere à cruz que os cavaleiros usavam em suas roupas quando estavam em marcha da Europa até o Oriente.

<sup>478</sup> A peste negra é como ficou conhecida a peste bubônica, doença causada pela bactéria *yersinia pestis*, que atingiu o continente europeu em meados do século XIV.

Em sendo assim, dentro desse período tão vasto que foi a Idade medieval, temos a Escolástica cuja produção durou entre os séculos IX e XIV d.C. A escolástica está situada em um período de intensidade do domínio católico sobre a Europa e o termo deriva da palavra escola. De modo geral, costuma-se dividir a produção da Escolástica em três grandes períodos<sup>479</sup>: i) a alta Escolástica, ii) o florescimento da Escolástica e, iii) a dissolução da Escolástica. A alta Escolástica (entre o século IX ao fim do século XII) é caracterizada pela confiança na harmonia entre fé e razão e na coincidência de seus resultados. O florescimento da Escolástica (entre 1200 aos primeiros anos do século XIV) é considerada a época em que grandes sistemas foram elaborados, nos quais a harmonia entre fé e razão já é tida como parcial<sup>480</sup>. Por fim, na dissolução da Escolástica (ou para outros, a decadência da Escolástica), período que vai das primeiras décadas do século XIV até o Renascimento, o tema básico é a oposição entre fé e razão.

Com esse breve histórico queremos ressaltar dois períodos da Escolástica: a florescência e a decadência. Os séculos do florescimento da Escolástica marcam o apogeu tanto da teologia quanto da filosofia, como também o desenvolvimento das universidades (centros importantes de intenso ensino e pesquisa). Foi nesse período que duas Ordens mendicantes, franciscanos e dominicanos<sup>481</sup>, passaram a fornecer um número relevante e qualificado de mestres para as Universidades.

Deve-se levar em consideração que o período da florescência também marca o primado do papado na Europa. Em outras palavras, a Igreja Católica, nesse período, tem uma presença e posicionamento político demasiadamente forte sobre o Estado e na vida em sociedade tanto de seus fiéis quanto dos cidadãos. Na prática, as pessoas eram pressionadas a absorver os costumes, ideias e fé cristã.

Entretanto, no período da dissolução da Escolástica, século de tensões e rupturas, a hegemonia da Igreja Católica frente à Europa começa a ruir e isso traz mudanças significativas. Os nascentes Estados Nacionais começaram a fazer oposição a hegemonia católica e a

---

<sup>479</sup> Cf. ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. Trad. Alfredo Bossi; Ivone Benedetti. 5.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. p. 344.

<sup>480</sup> Não se deve encarar como oposição.

<sup>481</sup> Essas ordens mendicantes supracitadas viviam um modelo de vida e economia feudal, tinham, por sua própria natureza, carisma e origens, um caráter estritamente urbano. Queriam atender às classes mais necessitadas da população que voltava a viver nas cidades – com a ascensão da burguesia e o conseqüente reflorescimento do comércio – e dedicar-se à pregação. Por isso, logo perceberam a importância da Universidade para a própria formação e para o desempenho de maior qualidade da própria missão na Igreja e no mundo.

burguesia em ascensão financiava os reis<sup>482</sup> em sua busca por mais poder perante o Papa. Nesse contexto surgem novas ideias e aspirações que já não eram mais compatíveis com aquelas defendidas pela religião oficial, isto é, a Igreja Católica. Além disso, a própria religiosidade desse período estava cada vez mais no plano privado e individual, fato que incomodava e abalava o poderio do catolicismo<sup>483</sup>.

Por que essa contextualização se faz necessária aqui? Responder essa questão nos leva a entender a presença, em meio à Escolástica, do pensamento místico no qual se insere Mestre Eckhart e as beguinas. É importante destacar que a supremacia da teologia em relação à filosofia, defendida normalmente por clérigos, leva a uma maior acentuação do dualismo razão-fé. Essas condições trazem de volta a religiosidade mística e à vida contemplativa como uma alternativa de fé cada vez mais intimista e particular<sup>484</sup>. É nesse contexto que ideias neoplatônicas ganham mais vigor junto à espiritualidade místico-contemplativa. Como observa F. Bauchwitz sobre o neoplatonismo no cristianismo: “[...] enquanto interpretação, não estava restrito a uma época ou a uma determinada religião, sendo capaz de oferecer novos caminhos para a reflexão filosófica cristã” (BAUCHWITZ, 2018, p. 116).

É nesse contexto da Escolástica tardia que surge o dominicano Mestre Eckhart e as beguinas, sua mística e filosofia. Os seus textos são marcados pela inefabilidade de uma realidade que é superior ao conhecimento, mas que é acessível a este por meio do desprendimento e de um vida bem-aventurada. Sua obra se insere num período de muitas tensões e numa época em que a Igreja Católica estava sensível às heresias, fato que levou os sermões de Eckhart e as beguinas aos tribunais da Inquisição<sup>485</sup>.

### **3. A mística introspectiva e filosofia (mística) especulativa**

---

<sup>482</sup> Sobre esse assunto recomendamos a leitura de *Os Intelectuais na Idade Média* de Jacques Le Goff. O autor, na página 152, argumenta que o poder político, nesse período, sai em socorro das forças econômicas e o entendimento da burguesia era de que servindo ao príncipe se conquista mais riqueza, poder e prestígio.

<sup>483</sup> Acerca das transformações e dos privilégios nos espaços universitários do período da decadência medieval, cf. GOFF, Jacques Le. *Os Intelectuais na Idade Média*. Trad. Marcos de Castro. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 2006. p. 149-197.

<sup>484</sup> Vale salientar que a espiritualidade místico-contemplativa nunca deixou de existir, mas sua relevância ficou ofuscada pela racionalidade dos primeiros séculos da Escolástica.

<sup>485</sup> Cf. GUERIZOLI, Rodrigo. *A condenação de Mestre Eckhart*: apresentação e tradução da Bula Papal In Agro Dominico. In: *Síntese – Revista de Filosofia*, Belo Horizonte, vol. 27, n. 89, p. 387-403, 2000. Disponível em: <<https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/Sintese/article/view/737/1170>>. Acesso em: 22, abr., 2022.

Há uma vasta bibliografia sobre as fontes do pensamento eckhartiano, em particular, dos elementos neoplatônicos, sejam os advindos das raízes greco-romanas, sejam de autores cristãos, assim como, árabes e judeus. Para esse tópico não faremos uma exposição exaustiva dessas fontes filosóficas do Mestre, para isso sugerimos o excelente trabalho de Loris Sturlese e sua equipe *Studi sulle fonti di Meister Eckhart* (2012), mas abordaremos somente alguns aspectos que nos parecem importantes como constitutivos do exercício hermenêutico eckhartiano da natureza divina.

A principal fonte das reflexões místicas da Idade Média advém da henologia<sup>486</sup> plotiniana. Vejamos, de modo introdutório como Plotino estrutura sua concepção filosófica: Plotino<sup>487</sup> dividiu a realidade em três hipóstases (Uno, Intelecto e Alma)<sup>488</sup>, sendo o Uno a realidade mais perfeita e de onde tudo procede. Bezerra exemplifica a relação da leitura plotiniana do *Parmênides* do seguinte modo: 1ª hipóstase Uno Primeiro (*próton hén*): a noção de O Bem (*A República*), e O Uno superior a todo ser (*Parmênides*); 2ª hipóstase O Uno “que é múltiplo” (*hén pollá*): A Inteligência (*A República*), e O Uno “que é” (*Parmênides*); 3ª hipóstase a Alma (*psyché*): O conhecimento discursivo (*A República*), e O Uno-múltiplo (*Parmênides*) (2006, p. 64-65).

Ao elevar-se, da alma e desta ao intelecto, as contemplações se tornam sempre mais próprias e unificadas aos objetos da contemplação. No Intelecto (segunda hipóstase plotiniana) há a multiplicidade, pois ele é o intelecto e inteligível (noção de alteridade), entretanto, há algo que deve ser anterior ao Intelecto (a dualidade), o que é além dele: o realmente Uno. Este é o princípio da vida, a vida primeira total, sem a qual nenhuma atividade existiria. Assim sendo, em cada coisa reside uma unidade que ascenderá ao uno anterior até que se chegue ao Uno absoluto e, de lá a nenhum outro. De modo semelhante, Eckhart no *Sermão 5b* argumentou: “Aqui o fundo de Deus é meu fundo e o meu fundo é o fundo de Deus. Aqui, vivo do meu próprio, como Deus vive do seu próprio” (ECKHART, 2006, p. 67). Nesse sentido, Eckhart

---

<sup>486</sup> Henologia é uma forma de descrever a metafísica neoplatônica fundamentada nos conceitos dialéticos de unidade e alteridade, um dos quais denota um princípio supremo e absolutamente transcendente.

<sup>487</sup> Plotino foi um dos principais filósofos de língua grega do mundo antigo. Nasceu em 205 em Licópolis, no Egito, e faleceu no ano de 270 em Campânia na Itália. Teve como principais influenciadores Platão (427-348 a.C.), Amônio Sacas (175-242), Numênio de Apameia, Alexandre de Afrodísias (198-209), além do platonismo médio e pitagorismo.

<sup>488</sup> Cicero Bezerra (2006) afirma que não é uma só a fonte para o pensamento das três hipóstases. Para ele, é necessário regressar não somente a obra platônica *Parmênides*, mas também ao *Timeu*, *Fedro*, *Fédon*, *Filebo* e ao livro VI de *A República* para uma melhor compreensão da doutrina triádica plotiniana.

sugere que através de si próprio é possível a contemplação do Uno como sugeriu o sistema plotiniano.

Uma obra da beguina Katrei, tida como filha espiritual do Mestre Eckhart, pode exemplificar bem a produção das beguinhas e ao processo de união da alma com o Uno proposto pela filosofia neoplatônica e reafirmada pelos *Sermões alemães* eckhartianos. A obra em questão é *Assim era irmã Katrei*. Katrei faz um relato de uma experiência e de um relacionamento, do qual há dois personagens: uma jovem mulher e seu confessor (LIBERA, 1999, p. 295).

Este relato se articula em duas sequências: a espera e a realização. No primeiro, a espera, Katrei narra seus esforços antes da experiência crucial do que ela própria chama de sua “confirmação”. No segundo momento, a realização, relata a beguina ensinando o seu confessor o caminho que ela percorrera para a deificação – aqui é entendida uma mudança de situação, inversão de papéis, algo duramente criticado pela Igreja da época (LIBERA, 1999, p. 295).

Em Mestre Eckhart, a contemplação, entendida também como união, é a compreensão da simplicidade que conduz à “nudez verdadeira”, ao desprendimento de vida. Assim como para Pseudo-Dionísio, o Areopagita, a linguagem negativa está presente nas obras desses autores. Nelas o nada saber é tudo saber, pois

Longe de unir-me a Deus, o conhecimento reflexivo me priva de Deus. O verdadeiro conhecimento de Deus é a pobreza de espírito característica daquele que Eckhart chama, alternadamente, *o homem pobre* ou *o homem nobre*. O homem pobre ou nobre, oposto ao ‘teólogo’, é o homem da negação dionisiana – aquele ‘que nada sabe de nada’ e ‘não sabe sequer que vê a Deus (LIBERA, 1999, p. 296).

Para esses autores, para atingir a união com o Absoluto, Uno (ou Deus) é necessário o aniquilamento de si próprio e de todas as criaturas, de modo a não mais sentir outra coisa, a fazer senão deixar Deus agir em ti. Katrei, ao narrar sua união com o Uno diz: “Estou confirmada. Confirmada na deidade nua, lá onde não há imagem nem forma” (LIBERA, 1999, p. 299). A expressão “*estou confirmada*”, significa que após a confirmação, não há mais nada senão a confirmação. Isto quer dizer que não existe um “depois” da confirmação, pois não há “depois” na confirmação. Quem foi confirmado está confirmado. Já a expressão “*na deidade nua*”, “Deidade” opõe-se a “Deus”, assim, antes da confirmação, Katrei ainda via “Deus”; depois, não vê mais nada, pois não há mais nada a ver: ela está na deidade, ela deificou-se. Desse modo, a confirmação (união) de Katrei é uma espécie de vida bem-aventura ainda na



terra de modo que ultrapassa todo e qualquer pensamento e toda linguagem (LIBERA, 1999, p. 300).

#### 4. Posição política da Igreja Católica: o que pensava acerca das beguinhas e de Eckhart?

Diante da noção aristotélica de mulher introduzida na Igreja pelo teólogo Tomás de Aquino<sup>489</sup>, temos a ideia de que a mulher “*Ela é mentalmente incapaz de desenvolver uma posição de autoridade*”. Sendo assim, as beguinhas pareciam ser encaradas pelos clérigos católicos como uma ameaça à Sã doutrina com seu estilo de vida apartada da hierarquia clerical e com sua obra que era posta em dúvida a todo instante pelos teólogos.

Segundo Libera (1999), no contexto medieval temos os papéis sociais bem definidos pelo sexo, inclusive no aspecto religioso:

Tudo repousa aqui sobre a convenção dos sexos: existe a “mística”, que é feminina, e a “teologia”, que é masculina, e a seguir, dentro da própria mística, um conflito de tendências: de um lado, a mística “esponsal” ou “nupcial”, de outro, a mística “especulativa” ou “intelectual”; à esquerda as moças, que pensam em casamentos, à direita os rapazes, que têm um ofício (LIBERA, 1999, p. 287).

Nesse sentido, a autoridade teológica seria atribuição masculina e não feminina. À figura feminina era designada as tarefas domésticas, educação dos filhos e dos cuidados com os maridos; assim, era um equívoco, diante do contexto medieval, as mulheres dedicarem espaço e tempo em suas vidas cotidianas com algo que era atribuição do homem, em especial dos clérigos. Segundo Libera (1999, p. 290), com a figura de Mestre Eckhart instala-se uma pseudo-relação de casal, na qual à mulher cabe a paixão, o transbordamento e o afeto, e ao homem, a palavra, a lei e o pensamento.

Ademais, impera alguns questionamentos que me parecem fazer sentido diante do posicionamento da Igreja Católica aos fatos ocorridos e as obras produzidas nos séculos citados. Podemos imaginar os clérigos católicos, defensores dos “bons” costumes e da Sã doutrina dos privilegiados, questionarem: i) como pode a mulher fazer teologia (mística) e filosofia? ii) por que permitimos que pessoas comuns façam religião (teologia) sem pertencer a Santa hierarquia? iii) não são santos, são hereges: suas obras também são heresias?

---

<sup>489</sup> Cf. LEONE, Igor. Quantas mulheres cientistas você conhece? **Carta Capital**, [S.l.], 28, fev, 2019. Disponível em: [https://www.todamateria.com.br/referencia-site-abnt/#:~:text=Para%20fazer%20refer%C3%AAncias%20de%20sites,%2C%20m%C3%AAs%20e%20ano\)%22..](https://www.todamateria.com.br/referencia-site-abnt/#:~:text=Para%20fazer%20refer%C3%AAncias%20de%20sites,%2C%20m%C3%AAs%20e%20ano)%22..) Acesso em: 10, dez, 2023.

Mesmo podendo conjecturar algumas possíveis respostas para tais questionamentos, o fato é que as beguinhas, apesar de viverem em torno dos conventos dos frades mendicantes, sob o pretexto de proteção, provocaram a cólera dos padres, pois estes perdiam suas paroquianas, os pais perdiam suas filhas, como também deixavam de contrair matrimônio.

Diante desse cenário, o bispo de Olomouc, Bruno, não viu outra alternativa senão denunciá-las aos tribunais inquisitórios sob as reivindicações de as jovens prestarem obediência ou aos padres dentro das ordens religiosas ou em lações maritais. Entretanto, o fato é que o estilo de vida das beguinhas não foi aceito pela Igreja Católica, a qual condenou-as:

Foi-nos relatado que certas mulheres, comumente chamadas beguinhas, acometidas de uma espécie de loucura, discutem acerca da Santíssima Trindade e da essência divina, e exprimem sobre a questão da fé e dos sacramentos opiniões contrárias à fé católica, enganando assim muita gente simples. Como essas mulheres não prestam obediência a ninguém, não renunciam a seus bens nem professar uma regra aprovada, elas certamente não são ‘religiosas’, embora vistam um hábito e estejam associadas a ordens religiosas que estão de acordo com elas. Por isso, decidimos e decretamos com a aprovação do concílio que seu modo de vida deve ser definitivamente proibido e excluído da Igreja de Deus (LIBERA, 1999, p. 294).

De igual forma, Mestre Eckhart também foi condenado pela Igreja Católica da época. Suas obras que possui profundas influências do pensamento e produção da beguina Marguerite Porete, foi condenado com os seguintes termos:

João, bispo, servo dos servos de Deus, em constante memória do ofício. No campo do Senhor, no qual por disposição superior e imerecidamente somos guardiães e lavradores, devemos exercer o cultivo espiritual com vigilância e prudência, de modo a, se porventura um inimigo semear ervas daninhas sobre a semente da verdade, elas sejam sufocadas em sua origem, antes de se multiplicarem em um pulular altamente nocivo, a fim de que, destruída a semente dos vícios e arrancados os espinhos dos erros, a copiosa plantação da verdade católica se fortifique. Com muito pesar participamos que nestes tempos alguém das regiões alemãs, de nome Eckhart, doutor, segundo nos foi informado, nas Escrituras Santas e professor da ordem dos Frades Pregadores, **quis saber mais que o conveniente**, não mantendo a sobriedade nem a conformidade com a medida da fé, pois, desviando seu ouvido da verdade, entregou-se às fábulas (GUERIZOLI, 2000, p. 398, grifo nosso).

Mestre Eckhart foi questionado por sua obra ser de difícil interpretação e os clérigos inquisitoriais o condenaram sob a alegação de 28 artigos heréticos ou duvidosos. Entretanto, tanto Eckhart quanto as beguinhas foram condenados pela Igreja pois seu modo de vida e suas obras não estavam correspondendo às expectativas da época. Enquanto as beguinhas pareciam, segundo o pensamento clerical, estarem acometidas de uma espécie de loucura e, por isso, discutiam acerca da Santíssima Trindade e da essência divina, Mestre Eckhart parece ter falado mais que o conveniente.

## 5. Referências bibliográficas

- AREOPAGITA, Pseudo-Dionísio. *Sobre a Teologia Mística para Timóteo*. Trad. Bernardo Guadalupe S. L. Brandão. Kléos, Minas Gerais, n. 5-6, p. 146-165, fev., 2001.
- ECKHART, Maestro. *El fruto de la nada*. 6. ed. Trad. Amador Veja Esquerra. Madrid: Ediciones Siruela, 2008.
- ECKHART, Mestre. *A nobreza da alma humana e outros textos*. Trad. Raimundo Vier. Petrópolis: Vozes, 2016.
- ECKHART, Mestre. *Sermões alemães: volume 1*. Trad. Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2006.
- ECKHART, Mestre. *Sermões alemães: volume 2*. Trad. Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2008.
- GUERIZOLI, Rodrigo. *A condenação de Mestre Eckhart: apresentação e tradução da Bula Papal In Agro Dominico*. In: Síntese – Revista de Filosofia, Belo Horizonte, vol. 27, n. 89, p. 387-403, 2000. Disponível em: <<https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/Sintese/article/view/737/1170>>. Acesso em: 22, abr., 2022.
- LIBERA, Alain de. *Pensar na Idade Média*. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 1999.